

SEPULTAMENTOS E RITUAIS FUNERÁRIOS ENTRE OS POVOS CELTIBEROS

Silvana Trombetta¹

RESUMO: As pesquisas arqueológicas sobre os sepultamentos celtiberos buscam elucidar as práticas funerárias no que diz respeito ao critério utilizado para escolha dos objetos depositados nas sepulturas (espadas, punhais, adagas, fusos) bem como os processos de incineração e deposição do cadáver. Havia sepultamentos primários cujos restos mortais eram colocados em buracos diretamente escavados na terra e marcados por estelas funerárias e outros secundários nos quais os ossos eram previamente selecionados antes da deposição em urnas cinerárias. Neste sentido, são particularmente importantes as necrópoles de *La Mercadera* (na qual 40% dos enterramentos possuíam armas), Carratiermes (com enterramentos do século VI a. C ao I d.C. que proporcionam uma vasta documentação material) e Numância (na qual a existência de urnas cinerárias com ossos pré-selecionados e a presença nos enterramentos de fíbulas com representações de cavaleiros carregando cabeças cortadas sugerem ritos marcados por uma complexa simbologia).

PALAVRAS-CHAVES: Arqueologia; Celtiberos; Enterramentos; Rituais

ABSTRACT: Archaeological studies of Celtiberian burials endeavor to elucidate funerary practices with regard to the criteria used for selection of the artifacts found in tombs such as swords, daggers, and spindles, and similarly for the methods of incineration and disposal of the bodies. There were simple tombs where mortal remains were placed in holes dug directly in the earth and marked with funerary stele as well as others where bones were selected prior to disposal in urns. In this context, are particularly important the necropolises of *La Mercadera* (in which 40% of the tombs contain weapons), Carratiermes (with tombs dating from the 6th century BC to the 1st century AD that hold vast documentary material), and Numancia (where some urns containing pre-selected bones and tombs containing fibulae showing horsemen displaying severed heads suspended from the horse's neck suggest the existence of rites with complex symbolism).

KEYWORDS: Archaeology; Celtiberians; Burials; Rituals

¹ Doutora em arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP) e pesquisadora associada do Laboratório de Arqueologia Romana e Provincial (LARP/MAE/USP). E-mail: siltrom@yahoo.com.br.

O propósito deste artigo é apresentar o debate atual sobre os sepultamentos e rituais celtiberos, tendo em mente que os mesmos são marcados por controvérsias ligadas ao simbolismo dos objetos e ossos humanos depositados nas urnas, aos locais destinados aos enterramentos, à exposição de cadáveres para serem devorados por aves necrófagas e às questões sobre o gênero dos indivíduos e sobre o mobiliário encontrado nas necrópoles. Visa-se, assim, proceder uma análise dos diversos materiais encontrados nos enterramentos de modo a traçar um panorama geral das práticas mortuárias na Celtibéria.

No entanto, a interpretação dos materiais provenientes das necrópoles ultrapassa os limites do que etnicamente denomina-se “celtiberos”, o que será explicado pela existência de um substrato proto-celta que determina similaridades entre diversos povos da Península Ibérica. É preciso, portanto, esclarecer quem eram os celtiberos e, num primeiro momento, compreender o debate teórico acerca da presença celta na Hispânia.

Tradicionalmente, as teorias sobre a presença dos povos celtas no Ocidente praticamente excluía a Península Ibérica do debate, visto que achados arqueológicos pertencentes às denominadas culturas Hallstatt e La Tène eram raros em comparação com os da Europa Central e a Espanha era pouco representada nos fóruns e publicações sobre o tema (Lorrio e Zapatero, 2005, p.168).² So-

² Nos estudos sobre os povos celtas são comumente citadas três culturas:

1) A Cultura Urnfield (ou Cultura dos Campos de Urna) surgiu na Europa por volta do final do segundo milênio a.C. e recebeu este nome devido ao fato de que após a cremação do cadáver, as cinzas eram depositadas em urnas e enterradas em cemitérios planos. Outra característica era o trabalho do bronze em lâminas finas, usadas para moldar os vasos, os escudos e as armaduras. Esta cultura esteve presente em vários locais da Europa e, muitas vezes, identificam-se os povos a ela associados como “proto-celtas” (Green, 2000, p.5).

2) A Cultura Hallstatt é assim denominada devido ao sítio arqueológico de mesmo nome na Áustria descoberto no século XIX e no qual havia cerca de 2.0000 enterramentos, dos quais 1.270 foram investigados. Os túmulos continham objetos com estilos peculiares que posteriormente foram identificados em outras regiões da Europa e correlacionados com esta cultura. Inicialmente, o termo referia-se a certos estilos discerníveis daqueles da Idade do Bronze Tardia, as últimas fases da Cultura Urnfield (Hallstatt A e Hallstatt B), que compreendem o período de 1.200 a 750 a.C. Hoje, o termo refere-se mais frequentemente à Idade do Ferro Inicial, conhecida como Hallstatt C (750-600 a.C.) e Hallstatt D (600-475/450 a.C.), sendo a mesma relacionada com elementos de estrutura social, ritos de sepultamento e padrões de enterramento que evidenciam nitidamente a existência de uma elite guerreira (Koch, 2006, p. 884-889).

3) A Cultura La Tène tem seu nome derivado da localidade próxima ao lago Neuchâtel (Suíça) cujo período de seca prolongada e as subseqüentes escavações arqueológicas no século XIX revelaram cerca de 2.500 objetos, dentre os quais espadas de ferro, pontas de lança, fíbulas, ferramentas, caldeirões de bronze. Esta cultura desenvolveu-se em continuidade à cultura Hallstatt e

mente na década de 90, este quadro começou a mudar, com a inclusão da Península Ibérica em publicações introdutórias sobre os celtas como, por exemplo, no livro de Barry Cunliffe, *The Ancient Celts* (1997). Não obstante, boa parte das pesquisas ainda continua a ignorar a presença celta na península e para superar tal impasse são necessários estudos interdisciplinares envolvendo fontes literárias antigas, documentação arqueológica e evidências epigráficas e linguísticas.

Analisar a presença celta na Península Ibérica é uma questão complexa e, segundo Almagro-Gorbea (1999, p.20) e Lorrio (1997, p.49), deve-se levar em conta não somente o recorte geográfico, mas sobretudo o aspecto etnocultural. Assim, dentro da grande variabilidade de povos existentes na península, para Almagro-Gorbea (1999, p.21) cabe diferenciar três grandes grupos: os turdetanos e os iberos (cuja língua não era indo-europeia) que ocupavam as zonas meridionais e do leste, próximos às costas mediterrâneas; os vascões que também não eram indo-europeus e que ocupavam os vales montanhosos perto do Pirineu Ocidental; e, por fim, o grupo indo-europeu do qual os celtas faziam parte, habitando especialmente o centro, o norte e o Ocidente, desde o Sistema Ibérico até o Atlântico.³

As pesquisas que colocam em relevo os aspectos etnoculturais (como as realizadas por Almagro Gorbea, Lorrio, Zapatero) ganharam força a partir da década de 80 e contrapõem-se aos estudos que viam nas invasões a explicação para as mudanças que ocorreram na Hispânia.⁴ Para Almagro-Gorbea (1999, p.23), as teses invasionistas não foram comprovadas arqueologicamente e há mais de 100 anos o problema essencial dos celtas na Península Ibérica é explicar sua origem de acordo com os dados linguísticos, históricos e arqueológicos. Para superar esta questão, o autor propõe analisar o substrato cultural dos celtas peninsulares de modo a precisar suas características.

cronologicamente abrange aproximadamente o período de 500/450 a.C. a I d.C. (Koch, 2006, p.1071-1076).

³ Denomina-se Sistema Ibérico a Cordilheira que limita a Meseta Central.

⁴ Dentre os estudos, que abordaram este assunto, destaca-se o livro de Bosch-Gimpera (*Two Celtic Waves in Spain*, 1939). Para o autor haveria duas importantes invasões. A primeira teria ocorrido por volta de 900 a.C (povos provenientes do sul da Alemanha) e seria atestada pela presença de objetos da Cultura Urnfield na parte norte da Península. A segunda teria acontecido entre os anos de 650-570 a.C (povos que teriam vindo do baixo Reno) e seria comprovada pela existência de objetos da Cultura Hallstatt no planalto da Meseta. Os belgas da província da Gália seriam os últimos grupos celtas a chegar na Hispânia por volta de 570 a.C. e teriam trazido elementos da Cultura La Tène para o norte da Meseta e o vale do rio Ebro.

As raízes do mundo celta peninsular estariam, portanto, em um substrato proto-celta conservado no Ocidente peninsular e que, durante a transição da Idade do Bronze para a Idade do Ferro, se estenderia desde as regiões atlânticas até o planalto da Meseta. Tal fenômeno seria atestado pela existência de elementos ideológicos (rituais de iniciação dos guerreiros), achados e estruturas arqueológicas (depósitos votivos de armamentos em água, construção de habitações pétreas) e evidências linguísticas (antropônimos e topônimos) comuns nas diversas áreas e que apontam para um substrato de tipo indo-europeu (Almagro-Gorbea 1992, p. 8).

Neste ponto, cabe colocar a seguinte ressalva: embora a tese do substrato proto-celta apontada pelos citados pesquisadores seja no momento a mais eficaz para a compreensão da variabilidade cultural e das similitudes existentes na península, a refutação das teses invasionistas não deve levar a um simples descarte de toda e qualquer influência das culturas Urnfield, Hallstatt e La Tène.

Lorrio (2001, p.188), por exemplo, ao mesmo tempo em que afirma que não se pode simplesmente vincular a presença de povos da Cultura Urnfield com uma “celtização” da península (uma vez que se verifica a existência de grupos desta cultura entre os iberos), também relata que não se deve subestimar a possibilidade de que sua infiltração na Meseta Oriental durante os últimos séculos do primeiro milênio tenha sido portadora de uma língua indo-europeia precedente da língua dos celtiberos (um dos grupos celtas existentes na península). Podemos dizer que não há contradição entre estas duas afirmações, uma vez que não se trata de considerar a existência de levas invasoras que determinaram uma mudança cultural, mas sim de ponderar a influência de grupos da Cultura Urnfield (provenientes da Europa Central e que chegaram à península após cruzar os Pirineus), na região da Meseta Oriental.⁵

⁵ Cabe lembrar que embora Lorrio reporte-se à Cultura Urnfield (2001, p.187-188), ele também afirma que é absolutamente essencial abandonar de uma vez por todas a interpretação tradicional que liga os celtas peninsulares à cultura La Tène, ligação usada há décadas como critério para excluir a Ibéria do mundo celta ou, na melhor das hipóteses, referir-se a ela como um local onde havia um grupo regional estranho e atípico, os celtiberos. Algumas teorias europeias agora reconhecem explicitamente esse fato e admitem a existência de um grupo com sua própria identidade que emergiu antes dos movimentos migratórios da Cultura La Tène (Lorrio e Zapatero, 2005, p. 231).

Assim, ao longo deste artigo, objetos da cultura Urnfield, Hallstatt e La Tène presentes nos sepultamentos serão analisados visando compreender aspectos relacionados à estrutura social e econômica dos celtiberos (como, por exemplo, as trocas comerciais de bens de prestígio entre chefias guerreiras) a partir da análise da documentação material.⁶

Dentre os vários povos da Península Ibérica (vetões, lusitanos, galaicos, iberos, turdetanos), os celtiberos são os mais conhecidos, fato atribuído à sua maior presença nas fontes históricas e às informações provenientes dos sepultamentos. A primeira menção textual à Celtibéria aparece na obra de Políbio, na descrição do cerco a Sagunto durante a Segunda Guerra Púnica:

Esta cidade está situada no pé da cordilheira, onde convergem as fronteiras da Ibéria e da Celtibéria e é cerca de sete estádios do mar. O distrito cultivado por seus habitantes é extremamente produtivo, e tem um solo superior a qualquer outro em toda a Península Ibérica (Políbio – História, 3, 17)

Ao longo da obra, a Celtibéria aparece em destaque no relato das Guerras Celtiberas (Políbio 35, 2), onde é relatado que a vitória de Roma ocorre em 133 a.C., após o cerco à cidade de Numância.

Salientamos, no entanto, que um problema que se coloca em relação à análise das fontes escritas refere-se ao uso da palavra “celtiberos”. O termo aparece tanto para dar nome aos povos cuja cultura era uma mescla de elementos “celtas” e “ibéricos”, quanto para designar povos contrários à presença de Roma, aludindo em geral aos celtas na Ibéria e não propriamente aos celtiberos. Segundo Lorrio (2001, p.183), ainda que para parte dos pesquisadores atuais o termo não remeta a uma unidade étnica, para outros, trata-se de um grupo com estas características, já que incorporara entidades de menor categoria, de forma semelhante ao que ocorre quando se examina os povos gauleses e os iberos. Não obstante a polêmica existente, são comumente aceitos sob a alcunha de “celtiberos” os arévacos, os belos, os lusões, os váceos, os carpetanos.

A análise dos grupos étnicos considerados celtiberos e sua delimitação por meio das cidades que lhes são atribuídas permite determinar os limites da

⁶ A presença destes objetos nos enterramentos não será vista como resultante de invasões migratórias, mas de uma troca de bens de prestígios entre as elites de várias regiões da Europa.

Celtibéria, que de forma alguma devem ser considerados fixos. Nesse sentido, pode-se avaliar os nomes que acompanham certas cidades e que fazem referência ao caráter limítrofe das mesmas, como Segobriga, *caput Celtiberiae*, (em Cuenca), Clunia, *Celtiberiae finis*, (em Burgos) ou Contrebia Leucade, *caput eius gentis*, (em La Rioja). Geograficamente, a Celtibéria aparece situada nas terras altas da Meseta Oriental e na margem direita do vale médio do rio Ebro, abrangendo, em linhas gerais, a atual província de Soria, boa parte de Guadalajara e Cuenca, o setor oriental de Segóvia, o sul de Burgos e La Rioja e a parte oeste de Zaragoza e Teruel, chegando a alcançar a região noroeste de Valência (Lorrio, 2001, p. 183).

Além das fontes textuais e dos dados linguísticos, o registro arqueológico oferece a possibilidade de traçar o processo de formação da cultura celtibera, fenômeno que remete ao período anterior à presença romana, ao longo do primeiro milênio a.C. (Lorrio, 2001, p.184). A sequência cultural do mundo celtibero tem sido estabelecida a partir da análise do habitat, das necrópoles e dos objetos arqueológicos, abarcando uma periodização que inicia no século VIII e termina no século I a.C. Dentro desta ampla cronologia, a cultura celtibera geralmente aparece dividida em quatro fases: Protoceltibero (século VIII ao século VII a.C.), Celtibero Antigo (meados do século VI até início do século V a.C.), Celtibero Pleno (século V a.C. até o século III a.C.) e Celtibero Tardio (século II a.C. até o século I a.C.).

Se os debates sobre a presença celta na Península Ibérica e os celtiberos são complexos, o mesmo pode-se dizer sobre os aspectos relativos às práticas mortuárias. Existem questões ainda não completamente esclarecidas sobre os rituais funerários (exposição do cadáver para ser devorado por abutres ou corvos, incineração dos corpos seguida ou não pela seleção dos ossos para posterior inserção em urnas cinerárias, deposição das cinzas do defunto em meio aquático) e sobre os indivíduos sepultados, uma vez que há enterramentos masculinos e femininos junto à armamentos, o que suscita questões ligadas ao gênero e tipo de objeto depositado.⁷

⁷ A prática do enterramento secundário é particularmente visível na necrópole de Numância (Genzor, 2005, p. 385). Após o processo de queima na pira funerária, os ossos eram selecionados (especialmente os do crânio, sobre cuja simbologia discutiremos mais adiante) e inseridos em urnas cerâmicas decoradas. Este rito estava reservado a uma pequena parcela da população, provavelmente indivíduos da elite celtibera.

Assim, a questão dos sepultamentos entre os povos celtiberos ainda gera controvérsias e está longe de ser completamente elucidada. Um dos problemas com que os pesquisadores se deparam reside no fato de que grande parte dos achados como pontas de lança, espadas (a maior parte propositalmente danificada), fíbulas, fechos de cinturões, são provenientes de escavações arqueológicas antigas, não sendo possível recuperar o contexto. Outro ponto chave é a da falta de necrópoles nas quais seja possível encontrar o defunto com suas vestimentas e mobiliário funerário completo. Não obstante a existência destes obstáculos, dados provenientes de necrópoles celtiberas têm trazido à tona importantes dados.

Na primeira necrópole de cremação, no vale médio do rio Ebro em Lérida (que remonta ao segundo milênio a.C.), é possível atestar manifestações de uma nova estrutura social. De acordo com Burillo Mozotta (2005, p. 456), as práticas mortuárias assimilaram a cremação ritual originária da Europa Central (Cultura Urnfield) com a prática local de enterramentos em *mounds* (elevações artificiais na paisagem natural onde o defunto era sepultado). Como já afirmado no parágrafo anterior, muitas escavações foram feitas no início do século XX e revelam “a escassez de contextos fechados e a impossibilidade resultante de realizar estudos sobre os aspetos sociais dessas comunidades” (Burillo Mozotta, 2005, p. 457). Algumas necrópoles, porém, revelam-se extraordinárias exceções e têm sido alvo de projetos arqueológicos recentes. É o caso de La Mercadera (Soria/século VI a.C. ao início do século III a.C.), conhecida por ser local de enterramento de uma elite guerreira, e Carratiermes (também em Soria), que contém enterramentos do século VI a.C. ao I d.C. numa área de três hectares. Nesta última, há 644 tumbas com grande quantidade de documentação material (cerâmicas, armas, ornamentos) e os estudos osteológicos⁸ ali realizados revelaram uma equidade entre os enterramentos masculinos e femininos. Além disso, existem 28 tumbas com enterramentos duplos: indivíduos do sexo feminino enterrados juntamente com cri-

⁸ Burillo-Mozota (2005) indica que foram feitas análises osteológicas mas, infelizmente, não especifica os métodos que foram utilizados. Supõe-se que o processo deva seguir as etapas habituais de reconstituição em laboratório de ossos incinerados, de modo a observar o tamanho dos ossos (maiores e mais robustos nos homens), a diferença do osso íliaco (mais proeminente em mulheres) e dos ossos do crânio como, por exemplo, os ossos dos arcos superciliares (maiores nos indivíduos do sexo masculino).

anças ou adultos do sexo masculino junto a adultos do sexo feminino. Provavelmente haveria algum propósito ritualístico ainda não identificado nestes sepultamentos.

Tal qual na citada necrópole de Carratiermes, o exame dos enterramentos de Numância (Soria/século III a.C. ou II a.C. ao século I a.C.), é crucial para a detecção de processos ritualísticos. A necrópole possui 156 tumbas caracterizadas por uma estrutura simples, cujos restos mortais eram depositados em pequenos buracos na terra, sendo alguns marcados por estelas funerárias e protegidas por blocos de pedra colocados na superfície. “O total dos restos humanos em cada tumba é de 5,73 gramas” (Burillo Mozotta, 2005, p. 459). Esta pequena quantidade seria resultado de um processo ritual (que será descrito mais adiante) no qual os ossos eram previamente selecionados. Outro ponto importante é a presença de treze pavimentos circulares nas proximidades do *oppidum* de Numância, constituídos por pedras arredondadas cuja função pode ter sido a de plataforma para exposição dos cadáveres a serem devorados por aves necrófagas (Genzor, 2005, p.371).

Além dos processos ritualísticos, a análise do mobiliário funerário presente nos sepultamentos celtiberos como fíbulas, espadas, punhais e braceletes têm sido examinados com propósitos diferentes, embora complementares: observação da continuidade/ruptura das denominadas culturas Halstatt e La Tène; detecção da classe social do morto; simbolismo presente nos enterramentos.

A pesquisadora Lernez de Wilde (2001, p. 323-324), ao tratar da região do planalto da Meseta, visualiza uma continuidade entre as denominadas culturas Halstatt e La Tène, vista sobretudo nos objetos que se encontram no centro da Espanha, os quais deveriam sua presença ao fato de terem sido levados por mercenários ou trazidos como presentes, botim de guerra ou mercadorias. Nos mobiliários funerários analisados, são descritas espadas La Tène cujas bainhas possuíam alças para prender ao cinturão (um costume que não era celta), o que, para a autora, junto com outros dados como a incomum representação de dragões, comprova que tais bainhas e espadas foram produzidas fora da região da Meseta (figs. 1 e 2). Os achados remontam à segunda metade do século IV ou ao início do século III a.C.

Também foram objeto de análise da pesquisadora as fíbulas La Tène e os broches de cinturões presentes nos enterramentos. Todavia, ao examinar os enterramentos com armas é preciso levar em consideração dois importantes fatores. O primeiro é a constatação de que nos cemitérios da Meseta existiam armas em poucos sepultamentos. Lorrio (1997, p. 210-211) salienta que em Riba de Saelices (Guadalajara/século III a.C. ao século II ou I a.C.) nenhum dos 103 enterramentos continha armas e em Aguilar de Anguita (Guadalajara/século VI a.C. ao século II ou I a.C.) somente 21 sepultamentos de um total de 5.000 continham armamentos. Por outro lado, configuram exceções necrópoles como La Mercadera (Soria) e Sigüenza (Guadalajara), nas quais há armas em quase metade dos enterramentos no período que compreende os séculos IV e III a.C. (em La Mercadera há armas em 44 dos 100 enterramentos e em Sigüenza em onze dos 33 enterramentos). Um caso raro é a Necrópole de Atienza (Guadalajara), na qual durante os séculos IV e III a.C. todos os quinze defuntos foram enterrados com suas armas, o que leva a crer que provavelmente era a necrópole de uma elite guerreira (Lernez de Wilde, 2001, p. 326).

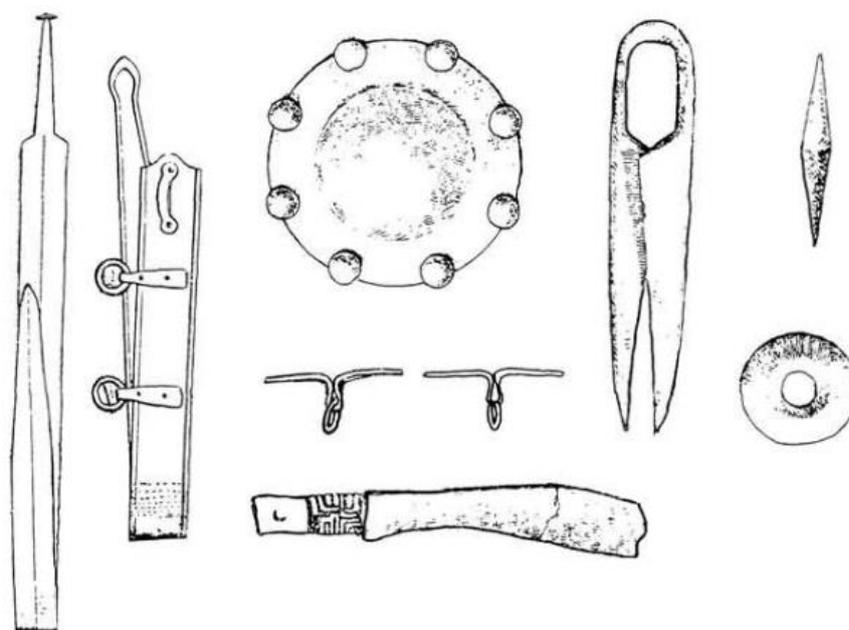


Fig. 1 – Tumba “D” de Arcobriga (Zaragoza). Referência Bibliográfica – Lernez de Wilde, 2001, p. 325

O segundo ponto é o fato de que no texto de Lernez de Wilde (2001) não há a descrição de todas as peças do mobiliário funerário. Isto porque o foco do

estudo não é a análise do conjunto, mas a verificação dos objetos relacionados com a cultura La Tène entre os celtiberos. Logicamente, há que se ter em mente que o que se denomina de La Tène varia de uma região para outra e, além disto, é importante observar que existem mobiliários funerários cujo conjunto suscita questões relativas ao gênero. É o caso de mobiliários nos quais, além de espadas, encontram-se fusos e outros nos quais foi possível verificar por meio de análise osteológica que as armas estavam ao lado de indivíduos do sexo feminino.

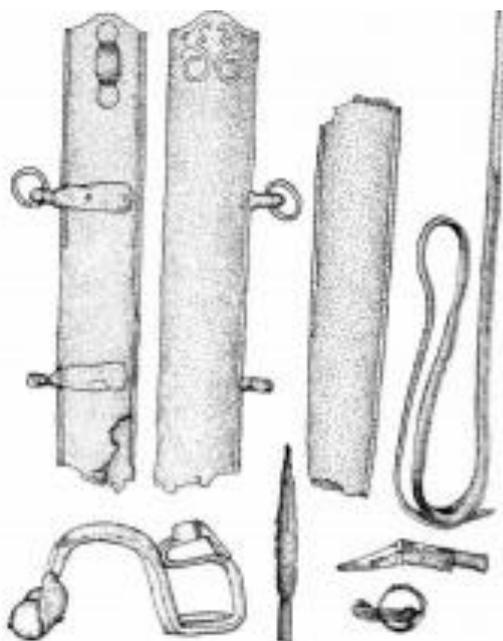


Fig. 2 – Tumba de Quintanas de Gormaz (Soria). Referência Bibliográfica – Lerne de Wilde, 2001, p. 325

Lorrio (1997, p. 203), ao examinar o mobiliário funerário, destaca que espadas e pontas de lança seriam indicadoras do *status* do guerreiro e de sua posição privilegiada dentro do grupo, enfatizando o caráter militar desta sociedade. Embora na maior parte das vezes a análise antropológica confirme que os indivíduos sepultados juntamente com espadas, punhais e lanças sejam do sexo masculino e indivíduos enterrados com braceletes, pulseiras e anéis sejam mulheres adultas, há casos nos quais isto não ocorre.⁹

Isso pode ser visto no cemitério celtibero de Las Ruedas (Padilla de Duero/século V a.C. ao II d.C.), onde foi encontrada uma sepultura feminina com

⁹ Tal qual Burillo-Mozota (2005), Lorrio não detalha as análises antropológicas utilizadas para diferenciar esqueletos masculinos e femininos.

armamento militar, no de Sigüenza (Guadalajara/século VI a.C – I d.C.), onde foram encontradas quatro sepulturas femininas com armas e no de La Yunta (Guadalajara/final do século IV ao século II a.C.), no qual havia seis sepultamentos femininos com mobiliário militar. Nos sepultamentos de Las Ruedas e Sigüenza, a maior parte dos túmulos com armas eram masculinos, mas o caso de La Yunta é singular, pois do total de doze sepulturas com armamentos, a maior parte é feminina (seis), existindo quatro sepultamentos masculinos e outros dois cuja identificação do sexo não foi possível. Lorrio defende uma posição segundo a qual

a existência de armas em sepulturas femininas não deve ser vista como um indício do pertencimento de algumas mulheres ao estamento militar, mas que isto deve ser interpretado como uma prova da posição privilegiada que a morta possuía em vida, por seu matrimônio ou por pertencer a um grupo familiar destacado (Lorrio, 1997, p. 203-204).

Com relação à particularidade da necrópole de La Yunta, o autor relata que

sua cronologia avançada e a localização geográfica a situam numa área marginal em relação aos focos mais ativos da Celtibéria, caracterizada pelo empobrecimento dos mobiliários e praticamente o desaparecimento das armas e, por isto, dificilmente pode-se extrapolar para o resto do território celtibero os resultados obtidos neste cemitério mediante as análises antropológicas (Lorrio 1997, p. 204).

Na mesma linha de pensamento, Cerdeño (2005, p.13) igualmente demonstra preocupação no que concerne aos dados obtidos nas necrópoles celtiberas visto que os mesmos podem ser incompletos e propõe outra interpretação para a concentração de armas em túmulos femininos: as armas do guerreiro morto em batalha seriam recolhidas e posteriormente enterradas com um membro da família, o qual poderia ser a sua esposa.

Embora as explicações de Lorrio (1997) e Cerdeño (2005) sejam bastante plausíveis e importantes, resta explicar porque em túmulos masculinos há a presença de fusos. Este tipo de objeto se distribui de forma equivalente na necrópole de La Yunta em sepultamentos de ambos os gêneros, é encontrado num túmulo masculino da necrópole de Sigüenza e ocasionalmente associa-se a túmulos nos

quais encontram-se armamentos. Temos como exemplo, o conjunto de achados funerários do final do século IV e início do século III a.C. encontrado em Arcobriga (Zaragoza) que é descrito por Lernez de Wilde (2001, p. 329-331) como um mobiliário que inclui, além de um punhal e outros elementos (fíbulas, bainha, pedaços de metal), a presença de um fuso.

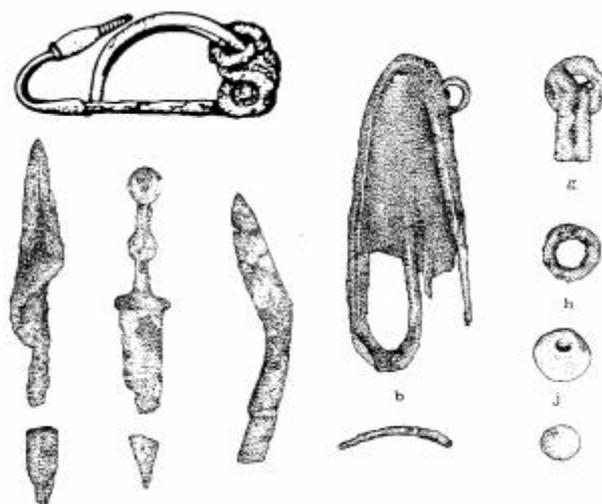


Fig. 3 – Tumba de Arcobriga (Zaragoza). Referência Bibliográfica – Lernez de Wilde, 2001, p. 331

Outro objeto importante para a análise são as fíbulas encontradas nos enterramentos celtiberos. Lernez de Wilde (2001, p.338-340), ao relatar a presença destes objetos nos enterramentos de Ávila, observa que as fíbulas anulares são mais frequentes nos enterramentos sem armas, enquanto as denominadas fíbulas de pé traseiro são encontradas em sepultamentos com armas. Algumas tumbas nas quais foi possível identificar o sexo do defunto confirmam a presença das fíbulas anulares junto a enterramentos femininos. No entanto, na necrópole de La Mercadera, há fíbulas anulares em sepultamentos masculinos e também nos femininos, sendo que os demais tipos (como as de pé traseiro) aparecem mais em tumbas masculinas. Qual seria o critério para tal escolha? Lernez de Wilde (2001, p.239) pontua que nos sepultamentos em que foi possível detectar o sexo do indivíduo, as fíbulas anulares maiores e mais pesadas encontravam-se nos sepultamentos masculinos e as menores nos enterramentos femininos. As fíbulas muito pequenas que se destinavam a prender tecidos finos são inexistentes em sepultamentos masculinos e presentes nos sepultamentos femininos, evidenciando, neste caso, uma relação entre o tamanho e o peso das fíbulas anulares e o

sexo do defunto. No entanto, por que existem diferenças quanto ao tipo de fíbula e por que em locais como La Mercadera existem fíbulas anulares tanto em enterramentos masculinos quanto femininos? Tal qual a questão das armas presentes em enterramentos de ambos os sexos, as fíbulas igualmente fomentam questões ainda não completamente solucionadas.

As famosas fíbulas de tipo celta, com o formato de um cavalo estilizado, e também de estandartes (século III/II a.C.) aparecem em enterramentos de Numância (Soria), La Osera (Ávila), Arcobriga (Zaragoza), Las Cogotas (Ávila), Gormaz (Soria), Luzaga (Guadalajara), Herrera de Navarros (Zaragoza).

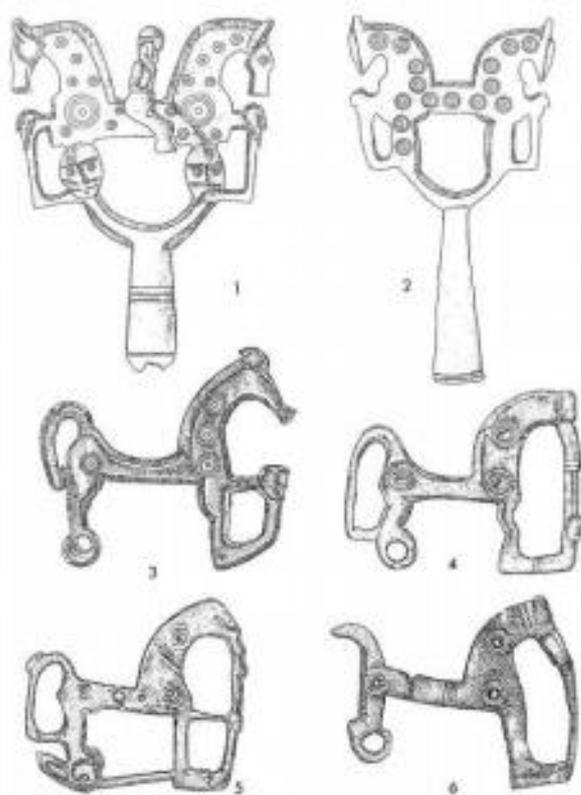


Fig. 4 – Estandarte e fíbulas com imagens de cavalos e cabeças humanas. 1-2: Numância (Soria). 3: sin proc. (Mus. Barcelona), 4: La Osera (Avila), 5: Arcobriga (Zaragoza), 6: Las Cogotas (Avila), tumba 12. Referência: Lerne de Wilde, 2001, p. 340

A presença das cabeças em algumas destas fíbulas e estandartes remete ao culto celta das cabeças, atestado na província romana da Gália nos santuários de Roquepertuse (Cunliffe, 1999, p.82) e Entremont (Green, 2001, p.101-102).



Fig. 5 – Pilar de entrada do santuário de Roquepertuse (Gália), com crânios incrustados (século III/II a.C.). Referência: Cunliffe, 1999, p. 82



Fig. 6 – Escultura do Santuário de Entremont (Gália) representando um deus ou um guerreiro sentado e segurando um crânio. Século IV/III a.C. Referência: Green, 2001, p. 102.

Além da documentação material, fontes escritas mencionam a existência de cabeças utilizadas como troféu de guerra. Temos como exemplo, o relato de Estrabão:

Eles tinham o costume bárbaro e absurdo, apesar de comum em muitos locais do Norte, de suspender as cabeças dos seus inimigos nos pescoços dos seus cavalos no retorno da batalha e, quando chegavam, pregavam-nas para espetáculo em seus portões. Posidônio disse ter testemunhado isto em muitos locais diferentes, ficando inicialmente chocado e posteriormente familiarizado devido à frequência com que isto ocorria (Estrabão, Geografia, IV, 4, 5).

Em vista do que foi exposto, a existência de fíbulas com iconografia de cavaleiros carregando cabeças cortadas leva a questionar se tais sepultamentos não pertenceriam a uma elite guerreira, visto que, com relação às cabeças de inimigos mortos em batalha, Genzor aponta que apossar-se do crânio do inimigo morto em combate significava “apropriar-se das qualidades do vencido, fato que também poderia estender-se na Celtiberia à mutilação das mãos (2004, p. 69)”. Neste sentido, há fortes indícios de que as fíbulas com representações de cavaleiros e cabeças interligam-se à afirmação de um poder bélico.

Todavia, existem interpretações discordantes. Burillo Mozzota (2005, p. 460), citando a pesquisa de Frédérique Horn (2003), relata que os estudos sobre as representações de cabeças e crânios na Península Ibérica estão longe de serem limitadas a uma interpretação de cabeças cortadas como troféu de guerra.

Para o autor, as representações encontradas nas cerâmicas parecem pertencer a dois estilos iconográficos distintos: um identificado com a influência Mediterrânea e outro identificado com a Celta. Estes significados podem ser diversos: glorificação do guerreiro, representação de ancestrais ou divindades, máscaras funerárias. Esta ambiguidade interpretativa pode ser estendida às cabeças representadas nas fíbulas com cavalos, frequentemente interpretadas como cabeças cortadas. No que diz respeito aos restos cranianos, o único conjunto identificado como a manifestação de um ato ritual envolvendo exposição de restos humanos foi encontrado na parte Nordeste da Península Ibérica (Pujol 1989, p.301-314). Os crânios preservados (alguns dos quais foram empalados) compartilham semelhanças com os encontrados na Gália, cujos laços com a parte nordeste da península corroboram com a predominância nesta última da cultura material La Tène: fíbulas e espadas. O único vestígio remanescente deste tipo identificado no território celtíbero é proveniente de Numância. Embora este achado tenha sido interpretado como um troféu (Taracena 1943, p.168), a ausência no crânio do maxilar inferior e quaisquer vestígios de exposição levam estudiosos a interpretarem-no como evidência de um ritual não-guerreiro.

Não obstante as observações acima, que enfatizam a ambiguidade interpretativa que permeia a iconografia das cabeças cortadas (cujo caráter não seria exclusivamente o de acentuar o poder bélico), há que se ter em mente que as simbologias de poder, ancestralidade e proteção não são estáticas. A representação

da cabeça cortada enquanto troféu de guerra nas fíbulas e estandartes dos enterramentos de Numância (Soria/século III ao século II a.C.) tem o propósito de ressaltar o papel combativo do guerreiro (e, ao mesmo tempo, seu papel de defensor da comunidade). Mas isto não significa que em diferentes regiões esta mesma imagem não possa estar sujeita a simbolismos que a associem à glória decorrente da batalha ou à máscaras funerárias. Tal fato, no entanto, não invalida a correlação entre a representação das cabeças e sua associação com aspectos marciais e defensivos pois, como veremos a seguir, existem na Celtibéria vários elementos que permitem tal conexão.

Um ponto importante é que ao examinarmos as cremações de necrópoles celtiberas notamos que há uma seleção dos ossos colocados nas urnas, sendo frequente o aparecimento de restos cranianos e de extremidades das mãos. Genzor (2005, p. 385) relata que das 23 tumbas encontradas na necrópole de Numância, quatorze continham ossos que correspondiam ao crânio e às extremidades dos dedos. Logicamente, neste caso, as urnas provavelmente seriam de restos mortais de um membro da comunidade e não de um inimigo visto que também existiam cabeças preservadas dentro do ambiente doméstico que estavam relacionadas ao culto dos ancestrais (Genzor, 2005, 378).¹⁰ Seja no caso da existência de crânios que se referem ao culto dos antepassados ou ao inimigo vencido em combate, a importância da cabeça como local no qual residia a alma humana (Green, 2001, p.95) evidencia-se quando encontramos crânios expostos em pórticos de santuários, cabeças esculpidas em pedra e objetos como as citadas fíbulas que retratam guerreiros sobre cavalos portando cabeças como troféu de batalha.

Cabe destacar que armas igualmente tinham papel relevante como troféu de guerra. Segundo Genzor (2004, p. 71) “do mesmo modo que despojavam o inimigo de partes significativas de seu corpo, os celtas consideravam as ferramentas tomadas na guerra como troféus que consagravam em túmulos”. Isto explica os achados funerários nos quais os armamentos encontram-se junto às fíbulas e outros materiais de modo a compor um mobiliário que confirma o prestígio da elite

¹⁰ A cabeça para os celtiberos não constituía simplesmente uma metáfora da vitória sobre o inimigo. Ela era a parte que simbolizava o todo, o elo com os ancestrais. Há evidências de que os celtiberos deliberadamente preservavam crânios no espaço doméstico, o que torna patente que os mesmos praticavam o culto aos antepassados (Genzor, 2005, p. 379). De modo semelhante, a seleção dos ossos contidos nas urnas cinerárias aparece vinculada a este culto.

guerreira. Outro aspecto importante era a inutilização ritual das armas, que não se realizava no momento do enterramento sendo, na verdade, resultado de uma ação anterior e metódica que contava com um “instrumental próprio e era realizada por um perito” (Genzor 2004, p. 72).

Por fim, é importante sublinhar que em relação aos ritos funerários celtiberos, a já mencionada exposição do morto sobre plataformas pétreas encontra correspondência em outra documentação material. Este rito pode ser confirmado arqueologicamente pela existência de cerâmicas pintadas numantinas, datadas do século I a.C., que mostram o defunto (provavelmente um guerreiro) junto a abutres e corvos que devoram seu corpo. O propósito seria o de levar a alma do combatente ao céu, sendo este ritual muito particular e destinado aos mais valerosos (Genzor, 2005, p.371).

As pesquisas relativas aos enterramentos celtiberos revelam importantes dados (ainda não de todo esclarecidos) sobre o mobiliário funerário e o simbolismo a ele vinculado, a posição social do defunto, as práticas de cremação, os locais destinados à exposição dos corpos. Muitas são ainda as questões a serem respondidas e a documentação material juntamente com as fontes escritas traçam novos caminhos para interpretações.

Artigo recebido em 15.10.2017, aprovado em 09.01.2018.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes Primárias

Strabo. *The Geography of Strabo. Literally translated, with notes, in three volumes*. London. George Bell & Sons. 1903.

<<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0239%3Abook%3D4%3Achapter%3D4%3Asection%3D5>>. Acesso em 9 out. 2017.

Polybius. *Histories*. Evelyn S. Shuckburgh. translator. London, New York. Macmillan. 1889. Reprint Bloomington 1962.

<<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0234%3Abook%3D3%3Achapter%3D17>>. Acesso em 30 dez. 2017.

Bibliografia crítica

Almagro-Gorbea, M. Los pueblos célticos peninsulares In: Almagro-Gorbea et al. *Las guerras cántabras*. Cantabria: Fundación Marcelino Botín, 1999

_____. El origen de los celtas em la Península Ibérica. *Protoceltas y Celtas In Polis, revista de ideas y formas politicas de la antigüedad clásica* 4, 1992, p. 5-31.

Bosch-Gimpera, P. *Two celtic waves in Spain*. Oxford: University Press, 1939.

Burillo Mozotta, F. Celtiberians: problems and debates. *e-Keltoi*, 6, 2005, p. 411-480. <https://www4.uwm.edu/celtic/ekeltoi/volumes/.../burillo_6_8.html>. Acesso em 10 out. 2017.

Cerdeño, M.L. Arqueología funeraria celtibérica. *Historiae (Zaragoza)* 2, 2005, p. 1-26

Cunliffe, B. *The ancient celts*. Londres: Penguin Books, 1999

Genzor, G. S. El mundo funerario celtibérico como expresión de um ethos agnóstico. *Historiae (Zaragoza)* I, 2004, p. 56-107.

_____. Celtiberian ideologies and religion. *e-Keltoi* 6, 2005, p. 347-410. <http://www4.uwm.edu/celtic/ekeltoi/volumes/vol6/6_7/sopena_6_7.html>. Acesso em 14 de set. de 2016.

Green, M. *The celtic world*. Londres: Routledge, 2000.

_____. *Dying for gods: human sacrifice in Iron Age & Roman Europe*. Stroud: Tempus Publishing Ltd, 2001.

Horn, F. Les céramiques pré-romaines à décor de têtes plastiques en péninsule Ibérique. *Mélanges de la Casa de Velázquez* 33 (1), 2003, p. 199-237.

Koch, J. T (ed.) *Celtic culture: a historical encyclopedia*. Oxford, Santa Bárbara, Calif: ABC-Clio, 2006.

Lernez de Wilde, M. Los Celtas em Celtiberia. *Zephyrus (Salamanca)*, 2001, p. 53-54.

Lorrio, A. J. Los Celtiberos in Almagro-Gorbea, M., Mariné, M. e Alvarez-Sanchis, J. R. ed[s] – *Celtas y Vettones*. Ávila: Disputación Provincial de Ávila, 2001, p.182-191.

_____. *Los Celtiberos: etnia e cultura*. Madri: Complutum, 1997.

Lorrio, A. J.; Zapatero, G. R. - The Celts in Iberia: An Overview. *e-Keltoi* 6, 2005, p. 167-254. <https://www4.uwm.edu/celtic/ekeltoi/volumes/vol6/6_4/lorrio_zapatero_6_4.html>. Acesso em 26 de out. de 2017.

